

# O ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA AFRO: ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS

## THE TEACHING OF HISTORY AND AFRO-LITERATURE: TEACHING AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN SCHOOLS

Thiago de Araújo Lira 1

Anderson Claytom Ferreira Brettas 2

**Resumo:** Este trabalho visa tratar do diálogo entre literatura e história\*, a partir do ensino da história da África, por meio da literatura e do conhecimento das narrativas históricas. Na realidade em que apresentam mulheres e homens negros ou afrodescendentes que se posicionam em relação a esses liames no contexto literário, como atores sociais. É na escola, que educandos desenvolvem habilidades que proporcionam aos indivíduos a oportunidade de internalizar/externalizar o conhecimento e construir novos conceitos, os educandos tendem a reconhecer a gênese de sua trajetória, referenciando suas relações sociais ao seu conhecimento inserido de forma ativa no meio social, no qual contribui com a construção da sua identidade. O objetivo geral se desenrolou pela análise, entre a relação da ação educativa com a identidade afrodescendente, juntamente com a memória no processo formativo do educando, a partir da incursão do tema literatura, história e memória, compreendendo ensino da história da África e como os elementos curriculares e metodológicos, representam a escrita de si dos Afrodescendentes. Desta maneira, o conhecimento da literatura historiográfica se faz relevante na medida em que a escolarização dessa produção orientou a prática do ensino de história nas escolas. Portanto, o desafio é problematizar o etnocentrismo e eurocentrismo, que fundamentou a história do Brasil ensinada nas salas de aula, que nos instiga a buscar mudanças significativas na abordagem da história e da cultura afro-brasileira no que tange ao seu ensino.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Literatura Afro. Afrodescendência.

**Abstract:** This paper aims to address the dialogue between literature and history, from the teaching of African history through literature and knowledge of historical narratives. In the reality in which they present black or afro-descendant women and men who position themselves in relation to these liaisons in the literary context, as social actors. It is at school that students develop skills that provide individuals with the opportunity to internalize/externalize knowledge and build new concepts. Students tend to recognize the genesis of their trajectory, referencing their social relations to their knowledge actively inserted in the social environment, in which it contributes to the construction of their identity. The general objective was developed through the analysis between the relationship of the educational action with the African descendant identity, together with the memory in the educative process of the student, from the incursion of the theme literature, history and memory, understanding the teaching of the history of Africa and how the curricular and methodological elements represent the writing of the self of the African descendants. In this way, the knowledge of historiographical literature becomes relevant to the extent that the schooling of this production guided the practice of history teaching in schools, the challenge is to problematize the ethnocentrism and eurocentrism, which founded the history of Brazil taught in the classroom, which urges us to seek significant changes in the approach to the history and culture of Afro-Brazilian regarding their teaching.

**Keywords:** History Teaching. Literature Afro. Afrodescendence.

---

\* O presente trabalho foi desenvolvido, após a apresentação do resumo no evento organizado pelo grupo Núcleo de Estudos e Pesquisa Afro – NEPA, ocorrido entre os dias 15 a 19 de Novembro de 2021, tendo o título do evento o nome de “VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE LITERATURAS, HISTÓRIAS E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS; IX COLÓQUIO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA/NEPA/UESPI, VI SALÃO DO LIVRO UNIVERSITÁRIO – SALIU/UESPI; III ENCONTRO INTERNACIONAL DE CULTURAS AFRODESCENDENTES E INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE – UESPI”. Nosso trabalho foi inscrito no SIMPÓSIO 02 - LITERATURA, HISTÓRIA, E ESCRITA DE SI NA LITERATURA AFRO E AFRODESCENDENTE, sendo aprovado e apresentado no evento.

- 1 Graduado em História (pela UFV). Especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia (EAD – Unicesumar). Pós-Graduado em Docência para Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IFPA). Mestrando em Educação Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (MPET/IFTM). Atualmente é professor na SEE/MG na cidade de Uberaba. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8254106351939923>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2980-542X>. E-mail: thiago.lira@estudante.iftm.edu.br
- 2 Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutor em História da América Latina pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pela Universidad del Magdalena, na Colômbia. Professor permanente do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (MPET/IFTM) e do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1123425845213618>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3428-6513>. E-mail: andersonbrettas@iftm.edu.br

## Introdução

O ensino de história é representado, por uma busca de conhecimento e de construção do saber fundamentado em diferentes saberes, que constituem os elementos presentes em nossas relações com o mundo. Assim, o ensino de história trata dos fundamentos correspondentes ao ensino desse conteúdo em diferentes perspectivas, sob os pontos de vista literário, da escrita de si e do conhecimento histórico, tendo a compreensão de que o saber histórico foi constituído ao longo do processo de reconhecimento da disciplina de história como alicerce dos saberes que envolvem as ciências humanas e base para compreensão das relações sociais.

Os aspectos metodológicos que envolvem a disciplina perpassam pelo fato do saber prático em sala de aula, correspondendo a uma relação de materialismo histórico, no qual o processo deve ser constituído por meio da cientificidade de compreensão e análise dos fatos históricos e, por fim, pela fundamentação dos saberes teóricos, inerentes a episteme dos seres humanos. Nosso trabalho passa por uma tentativa de apresentar o Ensino de História e a Literatura Afro, estando a relação do conhecimento prático como propensão de proposta metodológica de trabalho, no qual as versões e o caráter de atualidade são reconhecidos pelo processo de construção do ensino da disciplina, que aqui propomos trabalhar.

Combinar a formação inicial dos professores com a formação continuada, tratando do ensino da cultura afro-brasileira, serve para compreender de forma significativa, que a metodologia está aberta a novos modelos educacionais, pelo qual a seara dos grandes debates, no que tange ao ensino de história, reconhece por meio de livros que tratam diretamente desse tema, que o percurso ainda é longínquo e que os métodos deverão quebrar barreiras outrora intransponíveis.

Os livros de história, que servem como auxiliares na prática pedagógica, conta com um arcabouço histórico dessa disciplina, passando pela fuga do positivismo histórico, tão presente no conhecimento metodológico da prática de pesquisa em ciências humanas do século XIX, compreendendo as relações evolutivas do objetivo da disciplina de história ao longo do Brasil Império, por meio do Imperial Colégio Pedro II, havendo mudanças na disciplina por meio da reforma Capanema e, sacramentando as mudanças totais, durante o período de ditadura militar no Brasil, havendo a reabertura e constituição de disciplina, ao longo das décadas de 1980 em diante.

O presente trabalho busca estabelecer um diálogo entre literatura afro e o ensino de história, a partir da diversidade cultural e as possibilidades metodológicas, a começar pela indagação de como a cultura afrodescendente e africana tem sido abordada nos processos formativos dos educandos. Essa problemática se constituirá observando alguns aspectos fundantes. Em nossa perspectiva, cabe à escola a tarefa de pensar a possibilidade de acesso à diversidade cultural, por meio da literatura e do conhecimento das narrativas históricas, para que o educando conheça questões relevantes para a vida em sociedade, que reflita e se posicione em relação a elas, em que reflexão política sobre história e memória se faz necessária no processo formativo do educando.

A educação pressupõe reflexões sobre questões globais combinadas com ações locais. Logo, pensar no processo educativo corresponde a reconhecer diferentes lugares de saberes. Por exemplo, em casa, em sala de aula, em comunidade, no imaginário literário ou nos contos ancestrais e até mesmo nas brincadeiras, é possível construir roteiros de conhecimento que envolve atores sociais e suas memórias.

É necessário que o professor tome posição como ator social no ensino da diversidade cultural, assim como, é necessário que ele reflita como a cultura afro-brasileira tem sido abordada na de educação brasileira, como as escolas têm agido na formação, na interação e na alteridade de seus alunos. Faz-se necessário compreender quais os elementos envolvidos nesse processo, assim como em que pontos a escola tem conseguido obter sucesso para a realização de tal tarefa.

## Processo Formativo no Ensino da História Afro

O ensino de história encontra-se no processo de reconhecimento da complexidade dos fenômenos educativos, correspondentes a necessidade do fazer literário e científico, na compreensão da escrita que envolve o próprio sujeito ativo na ação de construção do saber. É a partir de uma dita teoria da educação que o processo formativo possibilita a relação entre

sujeito histórico e a identificação do cenário de construção da própria identidade desse sujeito. Esse processo é conhecido como a escrita de si. É assim, que tem sido evidenciado, por diferentes autores<sup>1</sup>, o reconhecimento da luta nas ações práticas do campo da educação, pela valorização da cultura afro e tem buscado resistir a diferentes determinismos.

Por outro lado, essa ação de reconhecer o indivíduo no processo formativo, pelo qual visa tratar do diálogo em que a disciplina tem buscado, junto a outras áreas do conhecimento, entre eles a literatura e história, pauta-se o ensino da história da África, por meio do conhecimento das narrativas históricas. Isso consiste na ação de compreender o estatuto epistemológico do desenvolvimento individual e cultural, do desenvolvimento social e do desenvolvimento cultural dos educandos no processo formativo. Compreender seu lugar, o lugar de sua origem ou, até mesmo, o lugar de representação de sua trajetória no processo de socialização de saberes, consolida o reconhecimento do educando como agente histórico e ator social.

O olhar que busca compreender o processo educativo, reconhecendo a realidade do educando e as diferentes contribuições, seja no campo social, cultural, literário, histórico, entre outros, materializa o compromisso ético do educador pela busca da ação na realidade em que se apresentam mulheres e homens negros ou afros descendentes, possibilitando o posicionamento do indivíduo consciente na prática formativa.

A autora Circe Bitencourt<sup>2</sup> trabalha as diferentes vertentes das possibilidades do processo de compreensão da história por meio de alguns questionamentos:

O que é disciplina escolar e quais são suas finalidades? Quais são as relações entre disciplina escolar e disciplina acadêmica? Como estudos históricos se constituíram, para os níveis secundários e primários, ao longo da história da educação? Qual tem sido a participação dos professores na constituição da disciplina de História nas salas de aulas? (BITENCOURT, 2004, p. 33).

Podemos perceber o percurso proposto pela autora, o qual concilia em desenvolver uma análise sobre o processo histórico, pelo qual se entende que a construção da disciplina de história enquanto disciplina escolar, devendo o historiador compreender o processo de separação de sentido, entre a disciplina escolar e a acadêmica. Assim, a proposta se define em qualificar qual o conhecimento a escola produz e como esse conhecimento se relaciona com os saberes históricos, pelo qual constam os saberes históricos além da sala de aula.

Sobre a constituição da disciplina escolar, perpassa pelo fundamento formativo dos professores para lidar com o novo significado da história, ou seja, o professor da disciplina de história deveria ter como percurso no processo formativo, as principais acepções de construção ideológica de sentido, em que a exaltação dos grandes nomes, dos grandes eventos e, principalmente, os ditames do Império Brasileiro, delimita sentido no processo formativo. Logo, buscamos produzir conhecimento histórico, evidenciando as transições entre o saber científico e o conhecimento em sala de aula, tendo a preocupação como demonstra os educadores da disciplina com o papel do professor, diante de temas como o ensino de história por meio da literatura afro, tendo no percurso formador de políticas voltadas para a educação e do ensino de história, que essa ausência prática da escrita de si, percebida, ainda, no processo de consolidação da disciplina de história escolar.

Nessa prática de concretização do engajamento ético do educador e do educando, pode ser

1 Autores contemporâneos que buscam o reconhecimento da cultura afro no processo formativo, representam o contexto de luta e fazem compor ação por meio da reflexão. Djamilia Ribeiro, Silvio Almeida, Joice Berth, Juliana Borges, entre outros que buscam evidenciar o lugar de fala do povo negro na luta contra o racismo, impregnado nas estruturas de nossa sociedade.

2 Autora com importantes obras sobre o ensino de história reconhece em um dos seus mais celebres livros, "Ensino de História: Fundamentos e Métodos", cujo referência encontra-se no referencial desse trabalho, reconhece a necessidade de formulação de novas abordagens dentro do ensino de história. Esse processo perpassa pelo percurso histórico, proposto pela autora, percorre o cenário de reconhecimento da disciplina de história, como produtora de conhecimento e o ambiente escolar, como meio social que produz conhecimento e influência os atores sociais, na produção do conhecimento histórico.

visto um compromisso de transformação e de melhoramento dos indivíduos, das instituições e da sociedade em geral, em que o processo de tomada de consciência possibilitará o reconhecimento das contribuições negras na construção da identidade social. Assim, segundo Casaroto e Santos, os professores devem trabalhar estes conteúdos:

Realçando a contribuição do negro na formação social e cultural do nosso país, e assim desmistificar a idéia de negro “coitadinho” presente na sociedade e outras demais expressões presentes nos livros didáticos que acabam ridicularizando e rebaixando o povo negro (CASAROTO; SANTOS, 2010, p. 5).

Razão e justificativa para a exclusão da história africana nos currículos escolares, segundo Delton Aparecido Felipe (2010),<sup>3</sup> é o racismo. Em seu estudo, o autor se preocupa em analisar as contradições manifestadas entre a história apresentada nos currículos oficiais e a história ensinada e vivida por professores e alunos, buscando incorporar as problemáticas epistemológica e periférica da história da África, na educação brasileira. Um dos problemas, enfrentado pelos profissionais da educação básica é o próprio preconceito, que existe ao se falar de tal tema nas salas de aulas, fruto de uma tradição racista na sociedade brasileira. Evidentemente é necessário mudar essa postura com relação ao ensino da história africana nas salas de aula. Essa justificativa pode ser acrescida de outros fatores, como discrepância entre as pesquisas nas Universidades e o conteúdo oferecido nos livros didáticos sobre a cultura afro-brasileira, levando a uma visão estereotipada do negro, como sujeito inferior devido a fatores culturais e históricos.

É preciso realçar que novas pesquisas têm colocado em destaque a participação dos negros na formação social do Brasil. Essa participação ativa e de maior protagonismo desses atores sociais têm sido produzidas, porém são pouco difundidas na rede básica de ensino. Assim, é necessário promover um maior debate entre os alunos acerca da importância dessa cultura na formação do povo brasileiro. Marina de Mello Souza (2009), salienta que;

Para mudar a forma como em geral lidamos com assuntos relativos à África e aos africanos, é indispensável conhecer um pouco acerca de suas realidades presentes e passadas. Antes de tudo, é necessário chamar a atenção para a diversidade das sociedades africanas, que viveram processos históricos variados e que devem ser entendidos como parte da história da humanidade (SOUZA, 2009, p.92).

Em uma turma de Ensino Fundamental – anos iniciais – por exemplo, podemos verificar que esse tema seria muito importante, haja vista os problemas relacionados ao preconceito ainda existe, por parte de alguns alunos, com colegas afrodescendentes. É na escola que se desenvolvem habilidades que proporcionam aos indivíduos a oportunidade de internalizar/externalizar o conhecimento e construir conhecimentos para se tornar um cidadão competente, inserido de forma ativa no meio social. Tais conhecimentos devem estar intrinsecamente ligados ao conjunto de valores universais, que tem como princípio a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos e a corresponsabilidade social independente de credo, cor, raça ou situação social.

Reconhecendo a escrita de si, na perspectiva do ensino representativo de narrativas entrelaçadas a cultura negra pode-se observar os autores e autoras negras, como a aceitação de novos métodos de ensino e, até mesmo, a busca de inserção dos autores enquanto personagens, no processo formativo de construção das identidades dos educandos. No âmbito da sala de aula, o professor de história pode trabalhar as perspectivas da abolição da escravatura, confluindo com o processo de Proclamação da República no Brasil, a partir dos escritos de Joaquim Maria

3 Ver mais em Ensino da História e Cultura Africana em Salas de Aula Brasileiras.

Machado de Assis<sup>4</sup>, renomado escritor brasileiro, que evidenciava sua luta por meio de sua escrita, nas estrelinhas de poemas, contos, romances, entre outros escritos, em que junto com outros autores, podem fazer parte do cabedal de conhecimento dos educandos, sendo apresentados pelo professor de história, em um trabalho conjunto com outras disciplinas.

A literatura Afro trás em seus elementos a representação do negro com um olhar diferente. A Lei 10.639/03<sup>5</sup> e a 11.645/08<sup>6</sup>, que versam sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltam a importância da cultura negra e indígena na formação da sociedade brasileira. O desafio é problematizar o etnocentrismo e eurocentrismo, que fundamentou a história do Brasil ensinada nas salas de aula.

Outra perspectiva metodológica de ensino pode ser apresentada por meio da luta feminista na virada do século XIX para o século XX, através do romance de Maria Firmina dos Reis, uma autora negra que escreve sobre amores e desamores<sup>7</sup>, com o olhar da mulher negra no contexto político de transição. Assim, autoras contemporâneas como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzales, entre outras mulheres, negras e escritoras<sup>8</sup>, podem contribuir para a construção da identidade do educando e da educanda, que se forma com os elementos constitutivos da memória, coletiva ou individual, que são significativos no processo de ensino e aprendizagem e devem ser vistos como elementos possíveis no ensino de história.

## **Diversidade Cultural e a Cultura Afro-Brasileira e Africana**

O que é proposto, até aqui, como estudo é a análise de como a diversidade cultural e a cultura afro-brasileira e Africana vêm sendo abordada em sala de aula e como os professores/educadores procuram minimizar os problemas envolvendo preconceitos e racismo que se fazem presentes no dia a dia do educando. Apresentamos como base, estudos referenciais historiográficos e literários que compõem o cabedal de possibilidades de trabalho, com o olhar participativo em turmas de educação básica.

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais – juntamente com análise da Base Nacional Comum Curricular<sup>9</sup>, pode ser notado a ausência de material didático que refere à literatura infantil, por exemplo, que aborde a cultura africana e afro-brasileira<sup>10</sup>, utilizados pelas escolas que busque refletir, sobre os diferentes aspectos contemporâneos da vida em sociedade e o lugar da cultura afro como escrita de si, que devem levar em conta à historiográfica e literária da proposta curricular, na formação do professor/educador, nos cursos de licenciatura. Portanto, a complexidade da estrutura do conhecimento sobre a literatura afro, pode estar na formação básica dos educando e na formação profissional do educador.

Como o professor lida com o racismo em sua sala de aula e como ele, juntamente com a escola, aborda a história da cultura africana presente nos currículos escolares? Observando a percepção de uma sociedade moderna em que as mudanças sociais, culturais e econômicas são cada vez mais intensas, o professor pode ser o primeiro a apresentar um olhar diferente na formação do educando que está familiarizado a um comportamento racista, podendo apresentar

4 Machado de Assis foi um importante ator social, que esteve presente na luta contra a escravidão dentro de suas perspectivas possíveis, por meio de seus escritos o autor deixa seus personagens desarticular a ordem posta pelas estruturas racistas e lutava a favor do abolicionismo.

5 A Lei 10.639/03, que versa sobre a educação da cultura afro-brasileira e estabelece o dia 20 de Novembro como dia da Consciência Negra.

6 Estabelece uma mudança nas diretrizes anteriores, confluindo na definição do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

7 A autora trata de carência ou inexistência de amor, assim, pode ser visto como uma visão romanceada o tratamento a outra pessoa desamor, com da pobreza de sentimentos, como desdém.

8 A importância da representação, vista pelos educando no processo de ensino e aprendizagem, passa a ser fundamental no processo de conscientização e de luta por protagonismo no cenário educacional, sobretudo, de participação no cenário social.

9 Documento que defini as diretrizes educacionais brasileiras, que está em processo de adaptação e mudanças no cenário educacional brasileiro.

10 As obras infanto-juvenis de Júlio Emilio Braz podem fazer parte dos conteúdos abordados em sala de aula, em que o lugar de fala dos educandos será reconhecido ainda na primeira parte do processo de construção de sua identidade.

a esse educando um olhar diverso e respeitador, a partir da conscientização desses estudantes. O currículo escolar deve abordar a cultura africana, buscando sanar esse tipo comportamento, alterando uma estrutura racista, pelo qual pretende pensar na constituição e formação de uma educação escolar democrática que contemple e valorize a história da África. Isso diz respeito à qualidade do processo formativo da educação básica.

O currículo acadêmico dos cursos de história apresenta certas dificuldades em relação à história da África, mesmo que as aulas de história apresentem conteúdo sobre a presença do negro no Brasil. O que muito se afirma no campo educacional, que geralmente exploram somente o lado negativo do Continente africano e que é necessário perceber a forma como a sociedade caracteriza o cidadão de origens afro. Assim, o processo formativo do educador tem forte influência no que é estudado sobre a África, sendo representado por narrativa eurocêntrica de dominação cultural forte, aborda a pouca valorização, a marginalização da cultura afro, as guerras étnicas e as doenças, esquecendo que o Continente Africano têm cultura muito rico e enorme diversidade.

O século XXI trouxe profundas mudanças nesse quadro. Infelizmente, essas transformações não puderam ocorrer de forma apaziguada, ela teve que ser na base de uma imposição legal, regulamentada na Lei nº 10.639 de 2003. Que expõe os seguintes artigos:

Art. 1º A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à História e cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Art. 79-B O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Essa lei foi resultado da ação de alguns políticos, mas principalmente da pressão exercida por grupos que defendiam a causa dos negros. Posteriormente, a lei sofreu algumas alterações e foi mudada para a Lei nº 11.645/08<sup>11</sup> que incorporou a obrigatoriedade do ensino de história e cultura dos povos indígenas.

Essa mudança levou os profissionais da educação a buscar materiais didáticos para trabalhar com esse tema, já que em grande parte, em sua formação eles não tiveram base de conhecimento suficiente no ensino de História da África. Até mesmo nas universidades brasileiras, esse é um tema ainda muito recente e passou a ocupar com mais frequência os lugares de debates sobre o tema, por isso, há carência na formação dos professores e, até mesmo, de material didático seja algo recorrente. Alguns materiais, quer sejam para as crianças, quer sejam para os professores, já podem ser encontrados, inclusive em português. Contudo, "Esses materiais ainda são escassos, e poucos são realmente bons, pois antigos preconceitos teimam em persistir, seja por desinformação, seja pela força das heranças recebidas" (SOUZA, 2009, p.92).

Ao se ensinar os aspectos da cultura afro-brasileira nas escolas, é possível trilhar um caminho para nos livrarmos de preconceitos que foram historicamente construídos e constituídos, além de

11 Motivado pela busca de reconhecimento da cultura dos povos indígenas em sala de aula, pelo reconhecimento da história dos povos originários, pelo reconhecimento das tradições e cultura e sua participação na configuração étnica brasileira, deu-se a inclusão da temática indígena na Lei nº 10.639/03 substituída e respaldada como Lei nº 11.645/08.

cooperar para que a população negra tenha reconhecida equidade e oportunidades diante da parcela considerada branca na sociedade. Isso não é criar paradoxos entre raças, já que nosso país é fruto de ascendências variadas, mas sim valorizar o que há de negro, branco, oriental e indígena no povo brasileiro.

Embora tenhamos presenciado, na segunda metade do século XX, um esforço considerável de historiadores brasileiros em função da revisão de nossa historiografia, incluindo o escravismo como um objeto de estudo passível de crítica, é essa historiografia do silêncio quanto à interpretação da participação histórica do negro, que ainda está presente nas escolas e, assim, guia a seleção de conteúdos para a disciplina escolar desde sua oficialização no século XIX.

Nos dias atuais, a oportunidade de desfazermos mitos e estereótipos acerca da figura do negro nos foi apresentada através da oportunidade de valorizar os patrimônios históricos e culturais construídos por diferentes grupos. É esse novo enfoque da diversidade que podemos desconstruir visões preconceituosas sobre as expressões culturais de matriz africana no Brasil.

As reflexões sobre as relações étnico-raciais a formação da identidade brasileira e o papel do afrodescendente na história nacional produziram mudanças importantes nas diretrizes curriculares. A Lei que coloca como obrigatória o ensino da Cultura Afro-brasileira nas escolas, provoca-nos a repensar a maneira como ensinamos a história e redimensionar o olhar sobre o passado.

Não podemos mais ensinar os conteúdos de história do Brasil simplesmente interligados com a história do continente europeu, em especial à história de Portugal, a partir de sua expansão marítima nos séculos XV e XVI. Um novo olhar sobre o passado nos faz entender que ensinar história do Brasil significa abordar a história do continente africano. Isso, sem falar da história e cultura indígena que também precisa ser incluída nessa reflexão. Sobre o que é ensinar história hoje, Oliva (2007) coloca que:

Nos livros que não abordam a história da África em um capítulo específico, o tema só aparece em trechos que tratam de outras realidades históricas. Nesse caso, ou o continente não passa de um obstáculo a ser superado para atingir o lucrativo mercado de especiarias do Oriente (nos séculos XV e XVI), ou se transforma em uma fonte de riquezas, como o ouro, o marfim e os escravos. Por não ter eixo histórico próprio, a África transforma-se em ator figurante, que passa quase despercebido pela cena histórica. Por exemplo, o Egito (única referência obrigatoriamente citada) é identificado, quase sempre, apenas como membro do chamado “Crescente Fértil” e não como uma civilização africana (apenas com uma elogiável exceção). Outra postura recorrente é a ênfase em abordar apenas os grandes reinos e impérios africanos, como Gana, Mali, Songhai, Congo e Zimbábue. Que fique claro que não há nada contra esses objetos históricos, pelo contrário, é louvável que se conceda a eles importância. Porém, o uso de referenciais ocidentais para eleger o que é importante de ser ensinado sobre a África deve ser questionado (OLIVA, 2003, p. 445).

É nesse sentido que se torna indispensável uma nova postura quanto ao ensino de História e particularmente esse novo olhar sobre a História da África e conseqüentemente sua cultura e valores. É preciso acabar com esse branqueamento da história que ainda enxerga na cultura europeia a história entendida como a elegível de ser estudada e enxergada como a correta.

A prática do ensino da cultura africana se faz necessária para que as crianças cresçam sem achar natural o racismo e o preconceito. É preciso proporcionar às crianças brancas um conhecimento sobre a relação inter-racial e as crianças negras se reconheçam como tal.

De acordo com Conceição (2010):

Parece óbvio afirmar que as demandas apresentadas pela legislação, que instituiu a obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira no ensino escolar, implicam entre outros requisitos básicos: releituras das nossas práticas pedagógicas. No entanto, a aparente obviedade constitui um elemento fundamental com vistas à efetivação da “reeducação das relações étnico raciais” (CONCEIÇÃO, 2010, p. 140).

Quanto aos conteúdos, um dos desafios apontados por quase todos os professores no ensino da Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas, está relacionado com a seleção e abordagem do material. Entretanto, é importante lembrar que a própria Diretriz Curricular indica quais os conteúdos históricos e culturais de interesse afro-brasileiro devem estar presentes no currículo da disciplina história e, portanto, trabalhados em sala de aula. Essa exigência tem como pressuposto que não basta apenas incluir o assunto. É imprescindível incorporar a revisão historiográfica sobre a temática para abordá-los adequadamente no processo de ensino e aprendizagem.

Desta maneira, o conhecimento da literatura historiográfica se faz relevante na medida em que a escolarização dessa produção conduziu a prática do ensino de história na escola. O desafio, então, de problematizar o etnocentrismo e eurocentrismo, que fundamentou a história do Brasil ensinada nas salas de aula, instiga-nos a buscar mudanças significativas na abordagem da história e da cultura afro-brasileira no que tange ao seu ensino.

Portanto, a problemática da história e da cultura afro-brasileira para o ensino de história requer abordagens e práticas que ajudem nossos alunos a pensarem historicamente sobre esse processo histórico. É para isso que ensinamos história na escola. E é sem dúvida esse o objetivo da formação histórica escolar (CONCEIÇÃO, 2010, p. 146).

Para estabelecer este contato inicial com a escola, com os alunos e os funcionários, utilizaremos a metodologia da observação participativa, entendendo que esta, segundo Nécio Turra Neto (2012), possibilita transpor “abismos culturais”<sup>12</sup> facilitando um contato inicial entre o pesquisador e o objeto ou os sujeitos pesquisados.

Com essas etapas de trabalho, é importante que se faça uma análise dos resultados obtidos com a execução do mesmo. Esse momento é necessário para que se possam reavaliar os pressupostos teórico-metodológicos e também verificar se a hipótese levantada para a elaboração do projeto ainda se faz relevante e necessária.

As práticas e atividades executadas no projeto também precisariam passar pelo crivo dessa avaliação para se averiguar se elas atenderam àquilo que havia sido proposto, permitindo de forma indireta, fazer com que os alunos reflitam sobre como a cultura do negro é rica em beleza e como ela se mistura à história do povo brasileiro. Concomitantemente, trazendo à tona a permanência de vários aspectos da cultura africana no Brasil contemporâneo e de que como esses atributos culturais ainda permeiam nosso dia a dia sem muitas vezes nos darmos conta.

## **Conclusão ou considerações finais**

Ao abordar temas relacionados à educação básica e à formação dos professores, exige-se muito estudo e análise sobre a realidade vivenciada pelos educadores em diferentes contextos. Isso nos leva a algumas indagações referentes ao ensino e aprendizagem. Silenciar essas indagações, remontaria ao cenário de inconsistência científica e de conhecimento social, sobretudo de conscientização.

Como o professor lida com a diversidade cultural em sala de aula, é um questionamento

12 Ver mais em *Vivendo entre Jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo*, no qual o autor desenvolve mais sobre esse conceito.

sempre presente nas relações entre os professores, haja vista que o educador/educadora terá o convívio com diferentes culturas e como o professor, educador, ele juntamente com a escola, tem o dever de abordar as questões da história e da cultura africana presente nos currículos escolares, regulamentada em Lei 11. 645/08. Ainda assim, devemos refletir sobre as principais falhas no material didático, referentes à cultura afro-brasileira e história da África, buscando sempre material e metodologias distintas que deverão atender a uma gama de conhecimento. Aqui, nós buscamos propor um trabalho interdisciplinar, abordando a literatura.

Como professor da disciplina de História, procuramos entender diferentes aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, principalmente, quando reconhecemos os sujeitos envolvidos no processo, como elementos susceptíveis a mudanças, sujeitos em processo de construção social, cultural, educacional, entre outros elementos que correspondem à formação de um indivíduo.

Para ensinar História, os educadores devem reconhecer os processos e ambientes que envolvem os diferentes espaços educativos, assim como, os diferentes atores presentes no processo. Cada cultura, cada fala, cada objeto utilizado em sala de aula, deve fazer parte do universo social dos educandos, devendo ser reconhecido ou apresentar condições para ser adequada a compreensão por meio de conversas, reflexões, análises, refutação de ideias, entres outros conjuntos, que auxiliam os educandos a construir o processo educativo.

É necessário relatar que a abordagem do trabalho que relacione o Ensino de História e a Literatura Afro, no processo formativo dos educando e educadores, não apenas traz benefícios aos alunos e (futuros) professores envolvidos, ele também enriquece nossa práxis, pois leva a refletir sobre a necessidade de uma mudança, enquanto ao ensino da diversidade cultural, cultura afro-brasileira e história da África, nas escolas e revela a busca por um maior comprometimento com a educação dos nossos alunos e educadores.

Com esse intermédio, professor, cultura afro-brasileira e educando, o presente trabalho propôs um possível diálogo entre literatura e história, a partir do ensino da história da África, por meio da literatura e do conhecimento das narrativas históricas. Portanto, o educador teria em cabedal metodológico, ao adotar tal tema, o papel de desmistificador da escrita de si, reconhecendo a cultura africana em nossa ancestralidade, podendo colocar em debate a estrutura racista presente em nossa sociedade e/ou também em sala de aula. Essa postura, pode ajudar a construir uma relação entre o educando e o processo de ensino mais significativo, em que o educando se perceba como ator histórico, como agente de construção de sua própria narrativa, em que ele esteja inserido em um ambiente integrador a sua própria história.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. **Presidência da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 19 jan. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira. O trabalho em sala de aula com a história e a cultura afro-brasileira no ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 140.

CASAROTO, K.; SANTOS, A. J. Algumas reflexões sobre o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana. In: **Congresso Nacional de Educação**, 8, 2008, Curitiba. Anais... Curitiba: Champagnat, 2008. p. 1.434-1.442.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. História africana na formação dos educadores. *In: Cadernos de Apoio ao Ensino*. N.6, Abril de 1999. p.61 – 77.

CUTI FERNANDES, Maria das Dores. **Consciência negra no Brasil: os principais livros**. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

FELIPE, Delton Aparecido. **Ensino da História e Cultura Africana em Salas de Aula Brasileiras**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá. Maringá – PR. Pag7. 2010.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 378-388, 2005.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **África ensinando a gente**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Descolonizar os currículos: um desafio para as pesquisas que articulem a diversidade étnico-racial e a formação de professores. *In: Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas XIV ENDIPE*; Porto Alegre Edipucrs, 2008.

LODY, Raul. Cabelos de axé: **Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2004.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos afro-asiáticos**, v. 25, p. 421-461, 2003.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

TURRA, Nécio Neto. Vivendo entre Jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. *In: Terra Plural*. V. 6, n 2. 2012. p. 241-255.

SOUZA, Marina de Mello. A descoberta da África. *In: FIGUEIREDO, Luciano (org.) Raízes Africanas*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

VESENTINI, Carlos Alberto. **Escola e livro didático de História**. *In: SILVA, Marcos A. Repensando a história*. São Paulo: Editora Marco Zero, s/d. (p. 69-80).

Recebido em: 24 de setembro de 2022.

Aceito em: 05 de dezembro de 2022.